

POR UMA CRÍTICA DA FLUIDEZ MODERNA, SEGUNDO BAUMAN E KIERKEGAARD, ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

Edna Maria Souza Rabelo¹
Jorge Miranda de Almeida²

Resumo: O presente trabalho faz uma análise do fenômeno recente das redes sociais sob uma perspectiva analítica, segundo os teóricos Bauman e Kierkegaard, do ponto de vista filosófico e sociológico. Diante do questionamento de como a linguagem é utilizada nesses espaços, compreendendo que ela é o que caracteriza o pertencimento ao propriamente humano, através das relações que se estabelecem, direta ou indiretamente, nas redes sociais, a partir da utilização da linguagem onde pode existir, por um lado, veracidade dialógica, discursos emancipadores e comunicação entre indivíduos singulares e, por outro lado, a conversa fiada, a mentira, o engodo, a manipulação, a distorção, a fragmentação das palavras, do sentido, do signo, do significante e um empobrecimento da própria linguagem.

Palavras Chave: Redes Sociais; relacionamento; subjetividade e comunicação.

Abstract: This present paper analyzes the recent phenomenon of social networks under a analytical perspective second the theorists Bauman and Kierkegaard's philosophical and sociological views. Faced with the question of how language is used in these spaces, understood that is what characterizes belonging to itself through the human relationships that are directly or indirectly, in social networks from the use of language which can exist in one hand, dialogic truth, emancipatory discourse and communication between single individuals and on the other hand, talk nonsense, lying, deceit, manipulation, distortion, fragmentation of the words, the sense, the signe, the signifier and the impoverishment of their own language .

Key Words: Social Networks; relationship; subjectivity and communication.

¹ Mestranda do PPGMLS (Memória:Linguagem e Sociedade) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
e-mail: em_rabelo@yahoo.com.br

² Pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio do Sinos UNISINOS (2011). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (2004). Professor titular do DFCH- UESB. Professor do programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, e-mail: mirandajma@gmail.com

INTRODUÇÃO

Pode-se falar em redes sociais sob várias perspectivas: sociológica, filosófica, psicológica, lingüística, midiática e até econômica, já que elas têm se multiplicado e se constituído, por um lado, num franco e rentável produto de mercado e, por outro, está construindo perfis de conduta, de personalidade, de relações interindividuais e coletivas. No entanto, sob o ponto de vista sociológico e filosófico das interações humanas, foco que é nosso interesse no presente trabalho, definimos relações e laços sociais no interior do processo das novas tecnologias, em especial as que estão relacionadas à dimensão virtual e representados pelas Redes Sociais. Mas o que são Redes Sociais? Pode-se definir Rede Social como um espaço virtual onde uma rede de computadores conecta um grupo (rede) de pessoas que estabelecem interação, comunicação e relações as mais diversas.

A grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line. (RICUERO: 2009, p.102)

Entendemos por relações humanas (sociais) a disposição gratuita estabelecida por meio da linguagem, da comunicação e da assimetria em relação ao Outro, quer esse outro seja o próximo, como entendem Kierkegaard e Levinas, quer esse outro seja um grupo, uma comunidade. Relacionar é estabelecer conectivos com o outro que permitam construir afinidade, confiança, afetividade, companheirismo, respeito, que estabelecem a reduplicação de si mesmos como imperativo no ato de comunicar como condição do discurso verdadeiro a própria verdade. Nesse sentido, a comunicação utiliza a verdade como condição do discurso e da própria relação; e, por laços sociais, as conexões que ocorrem entre as pessoas, através de uma ou mais relações que são estabelecidas, o que lhes conferem uma multiplicidade de contatos (conexões) possíveis.

Seja em *Blogs, Facebook, Twitter, Orkut, LinkedIn* ou *Google+* uma coisa é perceptível: a rede social é aberta, livre e catalisadora de todo o tipo de indivíduo e interesse. Nela vale à máxima “quer fale mal quer fale bem, o que importa é falar de/com/para alguém.” Porém o fato de ser aberta também desperta questões éticas de primeira grandeza que não podem passar despercebidas, como, por exemplo: qual é o limite dessa liberdade catalizadora? É catalizadora a partir de qual ótica? Qual é o tipo de comunicação e linguagem utilizadas? Quais são os responsáveis pelo conteúdo exposto nas redes? Se não existem responsáveis, teria razão Bauman, ao sentenciar a liquidez e a efemeridade dos atos humanos? É correta a tese de Kierkegaard, de que vivemos na idade

de ouro da conversa fiada e da tagarelice, onde tudo se comunica, menos o mais importante, que é a verdade?

A proposta deste trabalho é analisar alguns dos conceitos chave, abordados por Bauman, nas obras *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido* e *Tempos Líquidos*, que são: a emancipação, a individualidade, o tempo/espaço, os laços sociais e a comunidade, à luz de um diálogo com o pensador dinamarquês Kierkegaard, e como essas categorias se relacionam com os novos meios tecnológicos, especialmente os que são designados por redes sociais. As questões essenciais da filosofia, como, o que é a verdade, quem é o sujeito da verdade, para que e para quem se comunica a verdade, qual é o critério do estabelecimento da verdade são fundamentais para entender que tipo de indivíduo, sujeito ou pessoa está estabelecendo a relação no campo de abordagem deste trabalho.

Bauman afirma que vivemos tempos de incertezas, de tempos líquidos, tudo é muito fulgaz, não se cultiva o tempo necessário para o enraizamento das relações, para o fortalecimento do diálogo e da verdadeira comunicação. A denúncia realizada pelo filósofo dinamarquês Kierkegaard, no século XIX, é perfeitamente compatível com a que Bauman estabelece para os dias atuais. Os dois pensadores expressam seu pensamento acerca do que observam nas relações humanas: falta de comunicações verdadeiras, valores desumanizados, sentimentos expostos como num mercado (shopping center), um vale tudo de idéias equivocadas, despersonalização do humano e a falta de veracidade dialógica entre os indivíduos.

Mas, nas redes, o que importa é “comunicar”, seja o que for e pra quem for, concretizando uma inversão de valores nos quais a libertinagem e a promiscuidade, em amplo sentido, assumem o lugar da liberdade de expressão e da responsabilidade. E a comunicação, essa característica tão humana, ganhou referencial, forma e padrão diferente com o advento das redes sociais. Tudo ficou mais rápido, mais ágil, mais atraente e muito mais abrangente, crescendo de forma vertiginosa num processo de atração de novos usuários de um para dezenas, centenas e milhares. Assim, muitas e variadas vozes anônimas ou virtuais passaram a encontrar nas redes sociais lugar de pertencimento, lugar para falar e se fazer ouvir, numa *ágora* sem limites ou fronteiras. A Internet tornou-se uma nova praça pública frequentada, majoritariamente, pelos indivíduos anônimos do planeta terra, o que dá uma nova dimensão ao tempo/espaço/relação. Agora, é pertinente uma pergunta que o leitor deve responder a si mesmo: o que se comunica nas redes sociais é realmente comunicação? Se o ato de comunicar pressupõe pessoas encarnadas que dialogam, tendo como pressuposto a verdade, pois, do contrário, não é comunicação, é doutrinação ou engodo, pode se chamar de diálogo, onde não há personalidade autêntica nessas redes, ou, pelo menos, na maioria delas? Por outro lado, como estabelecer se as conversas estabelecidas nesse meio são ou não verdadeiras? Por que a necessidade de

pseudônimos, onde um único indivíduo pode ter dez, vinte contas de e-mails, de perfis no facebook, etc? Por que milhões de indivíduos se camuflam em perfis diferentes, com criação de personalidades diferentes, com interesses diferentes? Que sociedade é essa na qual ficamos mudos diante de nós mesmos e diante do próximo, e precisamos de telas virtuais para nos comunicarmos? Seria possível perguntar qual o conteúdo da comunicação, quando faltam sujeitos ou pessoas?

Nessa perspectiva, estabelecemos um debate entre as ideias dos pensadores Bauman e Kierkegaard que interessam a essa abordagem, enfatizando a visão de ambos quando referem-se às interações humanas, sob a ótica da importância dessas interações.

AS REDES SOCIAIS: O HIPER-ESPAÇO DE RELACIONAMENTOS E COMUNICAÇÃO

Em recente pesquisa, publicada na Internet³, os números sobre os usuários das redes sociais são espantosos. Na pesquisa, revelou-se que os usuários das redes sociais passam mais de 41 horas por semana, ou seja, mais de 6 horas por dia nas redes sociais, atualizando seus perfis, em conversas on-line, visualizando ou postando fotos e ampliando sua rede de contatos e relacionamentos. Segundo estimativas do *Facebook*, a rede social conta hoje com mais de um bilhão de usuários cadastrados em todo o mundo, e o Brasil é hoje o quarto país que mais cresce em usuários dessa rede, estimando-se que alcancem mais de 60 milhões. São dezenas de milhões de pessoas usando uma boa parte do seu tempo para cultivar vidas e relacionamentos virtuais. *Facebook*, *Twitter*, *Orkut*, *MySace*, *Flickr*, *Badoo* e outras redes sociais que, enquanto fenômenos de comunicação de massa, têm sido usados como solo sob o qual esse gigantesco número de indivíduos tem plantado, investido seu tempo, emoções, expectativas e dinheiro. Mas, esse solo é instável, mutável e movediço, ou seja, estamos investindo em lugares e valores que podem, a qualquer momento, se liquefazer, desfazer-se, desaparecer. E, talvez, seja a ilusão dos valores líquidos oferecidos por esses espaços de “relação” que tem atraído cada vez mais pessoas, como a um shopping center cujos produtos são de importância extremamente relativa, farta e inconstante.

Nas redes sociais, existe uma espécie de jogo que ensina e incentiva as pessoas a procurarem o maior número possível de “contatos” de “amigos”, a ampliarem a sua rede de relacionamentos, mostrando-lhes as facilidades e as vantagens de se ter muitos contatos, amigos ou seguidores, e, ao mesmo tempo, também ensina e mostra como é fácil

³ <http://www.coworkers.com.br/blog/midias-sociais/> Acessado em 03/04/2013.

“desfazer-se” desses relacionamentos quando não mais lhes parecerem favorável ou agradável mantê-los. Segundo Bauman (2004, p.82):

a realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado”.

No entanto, esse jogo tem uma regra de ouro: mostre-se sem se desvelar, sem ser o que de fato é, seja simplesmente aquilo que vai agradar, provocar admiração, espanto ou comoção. Na verdade, opera-se com um sinuoso e perigoso jogo de máscaras, onde não é possível discernir o verdadeiro do falso, por isso, se preciso for, crie, invente figuras, ícones e avatares que substituam o seu verdadeiro “eu” por um eu fragmentado e anônimo, com receio de realizar a viagem insólita no interior de si mesmo e constatar o que se constituiu ou o que não se constituiu e, com medo de aprofundar em si mesmo, prefere a virtualidade e o anonimato de si, identificando-se com o rebanho, como sentença Kierkegaard (1974, p.348):

[...]ai de nós! Que nos entretemos e que se entretêm as multidões com tudo, exceto com aquilo que importa! Que as arrastam a desperdiçar a sua vida no palco da vida. [...] que as conduzem em rebanhos, enganando-as em vez de dispersar, de isolar cada indivíduo, a fim de que sozinho se consagre a atingir o fim supremo.

O fenômeno mais perverso das redes é a criação da necessidade da exposição de si mesmo o tempo todo, não há mais privacidade. Isso tem consequências graves para a constituição da singularidade. Nesse trabalho, não temos a pretensão de desenvolver se e em que proporção as redes sociais não foram criadas pelo sistema neoliberal para controlar e ajustar socialmente os indivíduos e impedi-los de construir consciência crítica e reflexiva.

Um outro perigo que precisa ser melhor estudado e analisado é a oferta de relacionamentos virtuais: saber que, o que você busca no outro é satisfazer os seus desejos, obter prazer e a vantagem que possa lhe oferecer e não o contrário. Para Bauman (2004, p.84):

seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. E, no entanto a proximidade virtual ostenta características que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, com boa razão, como vantajosas – mas que não podem ser facilmente obtidas sob aquele outro tête-à-tête, não virtual.

E se os desejos são quase insaciáveis nessa sociedade de consumo hedonista, e a cada dia novos desejos são induzidos e internalizados como indispensáveis, é acertado dizer que “o céu é o limite?” Mas, limite de que, limite do que e limite para quem? Quem são os indivíduos ⁴ que manipulam as máquinas e acessam os sites que oferecem relacionamentos com menos impacto. Esses indivíduos podem ser considerados pessoas? Ou valeria a tese kierkegaardiana que um indivíduo sem vontade e sem personalidade “o eu é inexistente” (KIERKEGAARD, 1974, p. 349). Sob essa perspectiva, Bauman (2004, p.82) considera que:

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não virtual, exige. Isso aumenta os encantos da proximidade virtual.

A fragilidade dos relacionamentos, sua fugacidade, velocidade e descartabilidade exigem que seu fluxo seja grande e altamente variado, o que não permite que se passe muito tempo preso a um só assunto, informação ou pessoa, o que causaria o fatal risco de perder a novidade do momento, do instante. A questão adquire uma proporção de seriedade enorme, a partir de Kierkegaard e Bauman, pois a construção e edificação da interioridade são fundamentais para a elaboração da própria personalidade. Assumindo a tese de que o si mesmo é uma construção histórica e social e que depende do exercício de todas as faculdades que existem em um indivíduo de carne e osso, como construir individualidades sérias e éticas sem cultivar primeiro a interioridade? Se eu não sei quem eu sou, pois não construí a mim mesmo, como ter referência de quem é o outro? *O face a face* tornou-se *o tela a tela*, e a voracidade dos que consomem esse “produto” exige que a oferta seja superior à demanda. Não se pode perder muito tempo com a mesma pessoa ou notícia, afinal, tem centenas de outras novidades requerendo e esperando sua atenção. Assim, o que se adquire em quantidade, perde-se em qualidade. Muita informação e quase nenhuma comunicação.

E cada um que chega torna-se mais um elo numa rede ampla, continua e complexa, onde o indivíduo passa a ser mais uma variável dentro dessa cadeia de relacionamentos, que pode, muitas vezes, seduzir e manipular e com a finalidade explícita de dominar o outro ou de revelar a carência e a fraqueza em relação a si mesmo e em relação ao outro, pois é possível também, e merece um estudo sério a esse respeito, se as redes sociais não

⁴ Metade dos usuários adultos das Américas estão usando sites de redes sociais como o *Orkut*, *Facebook* e o *LinkedIn*, de acordo com novo estudo realizado pelo Internet & American Life Project, do Pew Research Center. Acesso em 14/12/2012 - <http://ecommercenews.com.br/noticias/pesquisas-noticias/estudo-mostra-o-uso-de-redes-sociais-nas-americas>

realizam uma forma de terapia, lugar onde se realizam catarses, purgações de desejos e fantasias os quais, na realidade, os indivíduos reprimem e não têm coragem para concretizá-los.

A questão que precisa ser melhor investigada é estabelecer qual é o limite dessas redes? Que elas têm uma dimensão extraordinária de aproximação, socialização, divulgação entre pessoas, processos, procedimentos, é inegável; mas num sistema como o neoliberal, essas redes estão à serviço da comunicação verdadeira ou à serviço de uma comunicação que aliena, doutrina e imbeciliza os indivíduos? É necessário um tempo maior para se realizar um diagnóstico do que efetivamente se comunica em uma determinada rede e durante um determinado tempo.

O filósofo dinamarquês Kierkegaard, no século XIX, afirmava que “o mundo sempre foi carente daquilo que se poderia chamar as individualidades autênticas, as subjetividades decididas, às quais são dotadas da arte da reflexão penetrante e de um pensamento personalizado, a diferença daqueles que se perdem em conversa fiada e no ‘*docere*’”⁵.

Assim, se tomamos por tese a afirmação de Kierkegaard, aplicada ao nosso século, uma proporção significativa de indivíduos do mundo são autocriações despersonalizadas e que desperdiçam grande parte do seu tempo a desvencilhar-se do seu verdadeiro eu, pois esse ato como dom que deve ser transformado em tarefa, implica a responsabilidade de constituir-se a mesmo. Segundo Bauman (2011, p.34), “a internet ajuda a enfraquecer e tornar mais superficiais as relações laboriosamente construídas na vida real *off-line*; por isso mesmo, é menos satisfatório e cobiçado, menos “valioso” e valorizado”.

Contudo, muito mais fácil e seguro é seguir o curso do rio, portar-se como um eterno zero no meio do rebanho, como o filósofo denuncia na obra *A Doença Mortal*, ao analisar a condição humana e os graus de desespero em não querer assumir, tornar-se um si mesmo, pois “uma relação desse modo derivada ou estabelecida é o eu do homem; é uma relação que não é apenas consigo própria, mas com outrem. Daí provém que haja duas formas de verdadeiro desespero. [...] não queremos ser nós próprios, querermos-nos desembaraçar do nosso eu” (KIERKEGAARD, 1974, p. 337). A questão é muito delicada, porque ninguém se torna um si mesmo sozinho; é preciso que haja o estabelecimento da relação com o outro, mas, esse outro, não pode ser uma tela, uma figura, um fantoche, ou uma bola, como no filme *O Náufrago*⁶. O Outro tem que ser uma individualidade, uma

⁵ Kierkegaard. *Opere. Postilla conclusiva não científica*, ,293

⁶ “*O Náufrago*”, filme lançado no ano 2000, protagonizado por Tom Hanks, retrata a trajetória de um executivo de uma grande empresa (Chuck Noland) que, após sofrer um acidente aéreo, fica isolado e sozinho numa ilha deserta e, nesse período, para amenizar a solidão, cria uma relação de afetividade com um personagem imaginário, o Sr. Wilson, representado por uma bola de vôlei.

singularidade que só se constrói mediante a relação. As redes sociais possibilitam ou permitem a construção dessa relação?

No contexto da virtualidade, é pertinente a tese do filósofo dinamarquês, mesmo tendo vivido antes do advento das TICs, ao afirmar que o homem perdeu-se deixando que o seu próprio eu se “reflita imaginariamente no possível. Ninguém pode ver-se a si próprio num espelho, sem se conhecer previamente, caso contrário não é ver-se, mas apenas ver alguém” (KIERKEGAARD, 1974, p. 354).

As redes sociais provocam o fenômeno dialético da possibilidade efetiva de relação, de diminuição do tempo e espaço, do favorecimento da comunicação e da qualidade e quantidade de informação em tempo real, mas, por outro lado, a falta de critérios para determinar o que é liberdade e o que pode ser veiculado, e como pode ser veiculado, nesses ambientes têm proporcionado uma verdadeira torre de babel, onde o homem, no lugar de encontrar-se consigo mesmo, acaba perdendo a si mesmo. A questão fundamental é estabelecer critérios para que a liberdade e a responsabilidade não sejam convertidas em libertinagem e promiscuidade. Não é um discurso moralista, pelo contrário, mas é preciso diferenciar e valorar positivamente o espaço da liberdade e limitar o alcance da promiscuidade, como condição de evitar a degeneração dos valores e do próprio sentido do existir. Nesse sentido, e como proposta de reflexão, vale a pena analisar a longa citação de Kierkegaard(1974, p.352), extraída da obra *A Doença Mortal*:

A nossa estrutura original está com efeito sempre disposta como um eu que deve tornar-se ele próprio; e, como tal, é certo que um eu tem sempre ângulos, mas daí apenas se conclui que é preciso dar-lhes resistência, e não limá-los; e de modo algum significa que, por receio de outrem, o eu deva renunciar a ser ele próprio ou não ousar sê-lo em toda sua originalidade, essa originalidade na qual somos plenamente nós para nós próprios. Mas ao lado do desespero que às cegas se embrenha no infinito até a perda do eu, existe um de outra espécie, que se deixa como que frustrar do seu eu por “outrem”.

Afinal, quem é o indivíduo que manipula a máquina, que envia e recebe mensagens e, através delas, passa a fazer parte de um determinado “grupo (rede) social?” Que tipo de subjetividade se produz nos ambientes e nas redes sociais? Esses Grupos tanto podem representar a manifestação dos mais legítimos anseios, nascidos de indivíduos inseridos num determinado contexto histórico social, como podem, também, ser apenas uma fachada para desencadear manobras que vão privilegiar grupos que estão no poder, e/ou a ascensão de outros. Nesse contexto de excesso de informação, há elementos de reflexão que possibilitam ao indivíduo superar o estágio da vida superficial e anônima, para a construção de si mesmo, os quais se possam valorizar o diálogo e a produção de discursos edificantes? Qual é a natureza dos discursos produzidos nas e pelas redes sociais?

AS REDES SOCIAIS: AMBIENTE DE VIDAS VIRTUAIS/REAIS

A palavra escrita é nosso meio de expressão e, nas redes sociais, quem escreve pode desenvolver um certo elemento de dominação pela palavra, que, camuflado por representações imagéticas, reúne os principais elementos da atração. Figuras humanas comuns, talvez desprovidas de atrativos e encantos físicos, podem utilizar-se do poder sedutor das palavras e das imagens, plasticamente manipuladas e fabricadas por meio do *photoshop*, para tornarem-se figuras encantadoras e até místicas, com poderes que vão além da sua própria pretensão ou objetivos, criando nesses ambientes virtuais verdadeiras ilhas da fantasia. É fácil encontrar indivíduos que vivem “plugados” conversando com uma dezena de outros indivíduos, sobre os mais variados assuntos, e emitindo opiniões sobre seus relacionamentos pessoais, confessando seus segredos, trocando receitas ou, simplesmente, sentido-se parte do mundo de alguém, só por estarem conectados à eles por seu mundo virtual, através de celulares, *i-pods*, computadores e tantos outros dispositivos eletrônicos. A palavra de ordem no mundo de tantas conexões e contatos é: seja seguidor de... “fulano” quer ser seu amigo... me adiciona... “beltrano” quer fazer parte de sua rede.

Bauman pontua que, numa cultura onde não há valorização de qualidades, onde o ápice da comunicação é ser apenas a novidade do momento, num mercado de emoções com (in)satisfações sempre constantes, ser a notícia é o objetivo a ser alcançado. Segundo o autor (BAUMAN: 2004, p.21):

e assim numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro.

Sendo assim, quanto mais seguidores, adicionados, visitantes e visitados, mais se sobe no *ranking* da popularidade, fato que, no mundo virtual, significa ser/estar famoso. É possível deixar, em poucas horas, o mundo da obscuridade para o da celebridade do momento, e, para isso, serão necessários só cliques.

Kierkegaard no seu tempo, assim como Bauman nos nossos dias, criticam duramente os meios de comunicação, por entenderem que os mesmos nivelam os homens por baixo e que eles são responsáveis “pela mentira, a baixeza e a injustiça que governam o mundo” (KIERKEGAARD: 1986, p.57). A crítica é pertinente, porque segundo o filósofo dinamarquês, os meios de comunicação estavam à serviço da Ordem Estabelecida onde “tudo era calculado para alimentar a confusão, por isso, pode ser denominada como a idade de ouro da conversa fiada e da tagarelice” (KIERKEGAARD: 1979, p.78). Bauman coloca que, para se obter uma planificação, homogeneização do pensar e do se relacionar,

é preciso, antes, que aquilo que existe como sólido seja “liquefeito para que outros sólidos, mais sólidos dos que os derretidos, possam ser forjados”. (BAUMAM: 2001, p.33). Ou seja, é necessário nivelar o pensar, o agir e o sentir, direcionando-os num único sentido, desfazendo os obstáculos que o “estar fora da ordem” possa causar, só assim, numa vida de pressa e emergência, as relações virtuais tornar-se-ão, com facilidade, mais atrativas e simples de serem vividas, onde as subjetividades não precisam ser exploradas, o diálogo construtivo não é a temática que verdadeiramente importa, a dialogicidade não existe, ou sequer precisa existir.

Do exposto, eles estabelecem uma acirrada crítica aos meios de comunicação, reduzidos ao serviço de um sistema que tem como objetivo transformar tudo e todos em iguais, isto é, em uma sociedade planificada, uniformizada e homogeneizada, porque fica mais fácil exercer o controle sobre os indivíduos. Vemos isso quando afirma (KIERKEGAARD, 1979, p. 78):

vivemos na idade de ouro da tagarelice e da conversa fiada”. “Tudo se comunica ou se se quiser, nada verdadeiramente se comunica ...por isso é uma sociedade desonesta, tornando-se por excelência numa sociedade que nivela os homens, rebaixando o nível da literatura e, conseqüentemente, construindo uma cultura superficial e homens superficiais”.

Também, podemos observar a mesma percepção para os nossos dias em Baumam (2007, p.9), quando coloca que:

a “sociedade” é cada vez mais vista e tratada como uma “rede” em vez de uma “estrutura” (para não falar em uma “totalidade sólida”): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis.

Neste contexto, insere-se a crítica de Kierkegaard e Bauman, no sentido de que o indivíduo é despersonalizado de si mesmo e, consciente ou inconscientemente, torna-se objeto das redes de poder e de dominação, tornando-se, como reafirma Kierkegaard (1974, p.352), mais um número a

contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si mesmo, não ousa crer em si mesmo e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.

Kierkegaard, no seu tempo, assim como Baumam, nos nossos dias, criticam duramente os meios de comunicação, por entenderem que os mesmos promovem o nivelamento do pensar, do agir e do sentir, direcionando-os num único sentido,

desfazendo os obstáculos que o “estar fora da ordem” possa causar. Só assim, numa vida de pressa e emergência, as relações virtuais tornar-se-ão, com facilidade, mais atrativas e simples de serem vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços das tecnologias da comunicação e informação, através dos computadores, ampliaram enormemente o campo do contato e de informações entre os indivíduos, no entanto, reduziram, na mesma proporção, a possibilidade de conhecimento real, através de discursos, linguagens e comunicações emancipadoras, subjetividades verdadeiras e éticas, como propõem Kierkegaard. Mas, também, globalizou a insegurança e os medos, nos avizinando de todo o mundo em suas mazelas, problemas e instabilidades, trazendo tudo isso para muito perto de nós, como afirma Bauman. Como elo numa rede ampla, contínua e complexa, o indivíduo passa a ser mais uma variável dentro dessa cadeia de relacionamentos, dessa rede que pode, muitas vezes, seduzir e manipular. Estar na Internet é estar na praça pública com outras milhões de pessoas, onde o *on-line* e o *off-line* estão se tornando indissociados. A potencialidade do espaço virtual que pode congrega milhões de falantes e ouvintes, que dão uma nova dimensão na relação público e privado.

Podemos concluir que o que os dois pensadores analisados criticam nos meios de comunicação, tanto no século XIX quanto nos dias atuais, é que estes estão à serviço de um sistema que tem como objetivo transformar tudo e todos em iguais, isto é, em uma sociedade planejada, uniformizada e homogênea, porque fica mais fácil exercer o controle sobre os indivíduos, e, exercendo esse controle, evidentemente a subjetividade se torna objetividade (todos são iguais), condição fundamental para se exercer o poder e negar a alteridade.

Estarão as redes sociais despersonalizando a singularidade humana, tornando-nos “máquinas falantes”, como afirma o pensador dinamarquês Kierkegaard, ao não possibilitar a construção de um pensamento fecundo, despersonalizando a singularidade humana em contraposição a um excesso de informações veiculadas pelas mídias sociais?

A forma como nos apropriamos e nos relacionamos com as centenas de milhares de imagens e vozes ofertadas nessa “praça pública” que constitui a rede é que, potencialmente, pode fazer dela um benefício ou um malefício. A diferença sempre está no elemento humano.

REFERÊNCIAS

- BAUMAM, Zigmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. *Comunidade-a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Amor Líquido-sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro:Zahar, 2001.
- KIERKEGAARD, Soren. *Enten-eller*. Milano: Adelphi Edizioni, 1989.
- _____. *Opere - conclusiva non scientifica*. Milano: Bompiani, 1993.
- _____. *Scritti sulla comunicazione*. Roma: Logos, 1979.
- _____. *O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- _____. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa: edições 70, 1986.
- RICUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.